



*Edição
Ilustrada*

RUTH GUIMARÃES

*As mães
na lenda
e na história*

Copyright © 2021 by herdeiros de Ruth Guimarães

1ª. Edição - Cultrix, 1960

2ª. Edição - Madamu, 2021

Editores

Daniela Sugayama, Marcelo Toledo e Valéria Toledo

Revisão

Equipe Madamu

Projeto Gráfico

KOPR Comunicação com imagens Depositphotos e de domínio público.

Impresso no Brasil.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Todos os direitos desta edição são reservados à Editora Madamu

Rua Terenas, 66, conjunto 6, Alto da Mooca, São Paulo, SP

CEP 03128-010 - Fone: (11) 2966 8497

www.madamu.com.br

E-mail: leitor@madamu.com.br

G963m Guimarães, Ruth (1920-2014).

As mães na lenda e na história / Ruth Guimarães. Prefácio de Joaquim Maria Botelho. Ilustrações de Almeida Júnior, Amedeo Modigliani, Arnaldo Ferraguti, Gustave Doré e outros. 2ª. ed.. - São Paulo: Editora Madamu, 2021.

260p., 16 x 23cm

ISBN 978-85-52934-31-8

1. Historiografia. 2. Biografia. I. Título

CDD: 909

Índices para catálogo sistemático:
1. Historiografia. 2. Biografia. I. Título.

ÍNDICE

<i>Prefácio à Segunda Edição</i>	7
Duas Palavras às Mães	13
Eva – A Primeira Mãe	23
Rebeca – A Mãe Injusta	33
Maria – A Mãe Santíssima	49
Níobe – A Mãe Castigada	57
Cornélia – A Mãe Austera	69
Santa Mônica – A Mãe Bem-Aventurada	79
Imperatriz Maria Teresa – A Mãe Ansiosa	105
Maria Antonieta – A Mãe Ultrajada	119
Letícia Bonaparte – Mãe de um Soldado da Fortuna ...	127
Imperatriz Leopoldina – A Mãe dos Brasileiros	139
A Mãe Espoliada	167
A Mãe Heroica	183
Maria Teresa – A Mãe Pobre	202
A Mãe Desconhecida	212
Mãe Preta	228
As Mães na Tradição Popular	236
Catarina Labay – A Mãe Solteira	244
<i>Bibliografia Principal</i>	259

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

FALANDO DE MÃE

por Joaquim Maria Botelho

RUTH GUIMARÃES foi escritora. Tradutora. Professora. E ativista cultural. Mas foi, principalmente (posso apenas supor, atrevendo-me a falar por ela) esposa e mãe. Teve nove filhos. Eu sou o quarto. Em 1960, quando ela publicou a primeira edição deste “**As mães na lenda e na história**”, pela Editora Cultrix, eu tinha cinco anos e já éramos sete irmãos. Eu iria conhecer a escritora que ela foi quando fiz oito anos, entusiasmado ao ver a capa do livro que ela lançava em 1963, “**O asno de Ouro**”, que traduziu diretamente do latim. Sabia que havia outros livros que ela escrevera, porque os via em casa, as pessoas que a visitavam comentavam – o romance “**Água Funda**”, de 1946, “**Os filhos do medo**”, de 1950, e textos dela no Almanaque do Pensamento e em jor-

nais. Mas não realizava a importância do seu trabalho. Até aquele momento, ela era apenas (apenas?!) a minha mãe, a pessoa que declamava poemas pra nos fazer dormir, que cantava conosco nas noites límpidas de Cachoeira Paulista, ao som do violão de meu pai, que nos levava a passear, que plantava flores e verduras na chácara que o seu avô Juca Botelho deixara para os netos, que passava temporadas em São Paulo, trabalhando, enquanto a esperávamos, vivendo a vida livre e brincante de interior. Lembro-me dela escrevendo, sob a mangueira frondosa que dava sombra, alívio ao sol quente que incendiava o quintal da nossa infância. Eu me encarapitava, em pé, na cadeira, recostado no espaldar, olhando o que ela fazia e ouvindo o tec-tec rápido das teclas da máquina *Olympia* batendo nas folhas brancas. Os irmãos ficavam por ali, alguns cuidando dos cabritos que a gente criava, outros trepando nas árvores para apanhar pitanga, amora, manga, mexerica. Eu gostava de sentir o calor do corpo da minha mãe, que não se impacientava com a minha curiosidade e seguia batucando o seu teclado.

Com olhos de hoje, avalio que minha mãe nos educou pelo exemplo, pelo trabalho, pelas artes e pelos passeios.

A educação pelo exemplo eu ilustro com um texto dela mesma: “Em casa, temos nossos defeitos, como todo mundo – apenas não mentimos, não temos o hábito de dizer palavrões, não temos nada a esconder e conversamos

livremente diante das crianças, sem subentendidos e sem alusões maliciosas”.

A educação pelo trabalho foi dada com apoio de um aforismo muito usado em casa: “trabalho de criança é pouco, mas quem não aproveita é louco”. Cada filho tinha a sua obrigaçãozinha, conforme a idade. Varrer a casa, arrumar a cama, lavar a louça, estender ou recolher a roupa no varal, apanhar frutas, colher verduras, ir à venda do seu Tirello ou ao açougue da dona Luiza para comprar mantimentos, trocar fraldas e preparar o banho dos mais novos, levar recados numa época em que não havia telefone em casa.

A educação pelas artes se dava pela leitura, principalmente, mas da mesma forma pela música. Meu pai tocava violão e fazíamos cantorias, de noite, com as canções de Dorival Caymmi, Sílvio Caldas, Elisete Cardoso. Ele também, apreciador da música clássica, tinha uma coleção de discos em 78 rotações, e ouvíamos com frequência concertos de Tchaikovsky, Bach e Chopin, óperas cantadas por Amelita Galli-Curci, Yma Sumac, Enrico Caruso, Tito Schipa. Quando eu tinha seis anos, fui matriculado na escola de piano da dona Eloá. Meus irmãos mais velhos não tinham se interessado pela música, com exceção de Marta, a mais velha, que tocava violão. Também éramos levados a assistir apresentações de canto coral, peças de teatro, sessões de circo. Música e literatura eram presentes em casa como feijão com arroz.

E, afinal, passeios eram não só uma terapia, mas uma forma de vivência. Fazendas, banhos de riacho, piqueniques, pequenas viagens de trem. Tudo isso era vida e era nossa vida.

Fui ler este **“As mães na lenda e na história”** aos nove anos. Numa época de escola boa, que estimulava a leitura e a escrita, não tive dificuldades em apreender o sentido das histórias, apesar da linguagem escolhida e de repertório algo distante para mim. Mas lia e era incentivado a buscar o dicionário para aprender o significado de uma ou outra palavra.

Eis que mamãe foi uma educadora e uma lutadora. Eu percebia isso aos nove anos, ao ler este texto que tenho a honra de apresentar aos leitores. Mas fui entender isso ao reler este mesmo livro, aos 15 anos. E fui saber, efetivamente, o real significado desta narrativa aos 17 anos, com a perplexidade de quem viu a mãe perder os três filhos mais velhos, um a um, em anos consecutivos – 1970, 1971 e 1972 – e não se abateu, amparada em meu pai, seguindo a vida a trabalhar e a cuidar dos outros filhos.

Se, aos cinco anos, eu a via como a deusa do meu quintal, aos 17 eu a comparei com as mães que retratou neste livro e vi, em cada uma, qualidades e experiências que traduzem para mim quem ela foi e quem continua sendo na minha formação de homem, de irmão, de marido e de cidadão.

Deixo que o leitor conheça, pelas biografias das mães deste livro, a força e o talento da mãe da minha história.

Falei!

*Joaquim Maria Botelho,
jornalista e escritor.*

DUAS PALAVRAS ÀS MÃES

UM GRANDE AMOR e uma infinita compaixão são as qualidades que distinguem a mãe excelente — aquela que é refúgio e glória do filho, esperança e salvação, âncora e bússola, raiz e estrela, — da outra que é apenas mãe comum, com seu comum instinto de defesa da cria, próprio da fêmea de qualquer animal.

Quando nasceu minha primeira filha, andei preocupada, lendo livros a respeito de como tratar as crianças, consultando médicos e educadores. Não conseguia segurança. D. Noemy Silveira Rudolf, catedrática de Psicologia Educacional na Universidade de São Paulo, me sossegou, com sua maneira calma.

— Só o que a criança precisa é de amor. Um grande amor substitui as teorias.

O que me pareceu absolutamente imprevisto, tratando-se de uma profissional das teorias.

— E o resto não é necessário? — pergunto meio ansiosa, achando que a salvação da Humanidade, e particularmente da criança, estava justamente naqueles conhecimentos recém-adquiridos.

D. Noemy sorriu um largo sorriso sábio.

— O “resto” virá como complemento e por si mesmo. O amor ainda é a mais perfeita de todas as formas de conhecimento.

Para aferir a mãe, temos o filho. Ela é grande, na medida em que ele for bom. Nada mais poderá testemunhar-lhe a excelsa grandeza ou a falha irremediável.

A boa árvore se conhece pelos seus frutos.

O que resta é saber se nós, as mães, amamos verdadeiramente. Com dignidade e pureza. Com desprendimento. De amor íntegro, certo, perfeito. Sem ciúme, sem angústia, sem exigências, sem sombras, sem desfalecimento, sem desconfiança, sem interesse.

A mais legítima aspiração da mulher é ser mãe. Porém, hoje, quantas não querem filhos? Quantas afirmam, com uma candura monstruosa em seu egoísmo, sem mesmo se envergonharem do que dizem: “Filhos? Ah! De maneira nenhuma! Ainda não gozei bastante.”

Como exigir que essas criaturas, que nem sequer são bem formadas, nem sequer poderiam ser mães da maneira limpa, desprendida e instintiva, pela qual qualquer animal

o é, se transformem em boas mães, quando a natureza lhes der o filho?

Que árvore é essa, e que fruto produzirá?

Sem dúvida a maternidade é uma coisa comovente.

*“Diz-se que é penoso ter filhos — comenta Dostoievski, na **História da Neve Fundida**, uma linda e amarga história. — Quem diz isto? Ao contrário, é uma alegria divina. Amas os nenezinhos, Lisa? Eu os adoro. Tu o vês... um bebezinho cor-de-rosa que suga o seio... Qual é o marido que não se enterneceria vendo sua mulher sustentar nos braços o seu filho?... Uma criancinha toda rosa, rechonchuda; ele se atira para trás, brinca... pezinhos, mãozinhas gordas e cheias, pequeninas unhas muito limpas, tão pequenas que são mesmo cômicas, olhinhos que parecem já tudo compreender. E, mamando, ele dá tapinhas no teu seio; brinca, te apoquento. O pai se aproxima, ei-lo que solta o seio, atira-se para trás, olha o pai e se põe a rir. Deus, como é engraçado! Depois, ele volta a mamar. Uma outra vez, morderá o seio de sua mãe, se os dentes se poem a crescer, e lançará ao mesmo tempo um olhar malicioso: “Tu o sentes? Eu te mordi!...” Não é a felicidade, a felicidade completa, quando estão todos juntos, o pai, a mãe, o filho? Pode-se perdoar muito, por esses instantes.”*

É comovente. Mas, apesar da ternura que inspira, o assunto se presta a muito sentimentalismo tolo e a muita sublitteratura.

Eu sei que a grande maioria das mães é gente sentimental, que faz da sua pessoinha um alto conceito. Tende a se julgar heroína e santa, e acha que merece outros adjetivos tão retumbantes quanto esses, só porque teve um ou mais filhos e passou muitas noites sem dormir à cabeceira deles, preocupa-se com o seu bem-estar, tempera-lhes o almoço, e, muitas e muitas vezes, chora desconsoladamente, por eles, por vários motivos, que me absterei de analisar aqui. Realmente, não se trata disto. Mas, porque as mães estão fazendo insigne conceito de si próprias, e muitas fazendo muito pouco por merecê-lo, é que o mundo segue um rumo tão perdido, e há tão pouca honra, tão pouco caráter, tão pouco respeito, tão pouca dignidade.

Numa conversa com *Mme. Campan*, Napoleão fez esta observação:

— Parece que os antigos sistemas de educação já não prestam para nada. Que falta, pois, para que o povo seja educado convenientemente?

— Mães — respondeu *Mme. Campan*.

Esta resposta surpreendeu o Imperador, dizem.

— Sim — replicou ele. — Aí está um sistema completo de educação, numa só palavra.

A máxima de Zohar manda: “Honra teu Pai e tua Mãe, como honras ao Senhor, porque os três tomaram parte em tua criação.” A Igreja, nos seus mandamentos, também ordena que se honre Pai e Mãe. Porém está faltando o mandamento que manda honrar o Filho.

Nas **Lendas do Bom Rabi**, de Malba Tahan, há um caso belíssimo, por alguns autores atribuído ao rabi Tarfon. O autor cita A. Cohen, acrescentando que sobre o amor filial são muitas as citações talmúdicadas.

“Ao receber esmola de uma mulher, um velho solitário assim agradeceu: — “Bem vejo que és boa, caridosa e simples. Queira Deus que teu filho seja dedicado, afetuoso e sincero!” A mulher sorriu orgulhosa. — “O teu voto — disse ela, num tom não isento de respeito — felizmente nada significa para mim. Estou certa de que não há filho mais carinhoso e mais abnegado. É inexcusável a dedicação que meu filho tem por mim!” E vendo que o ancião continuava a fitá-la, sereno e imperturbável, ajuntou com voz bem timbrada: — “Para justificar o orgulho que tenho por meu filho, vou contar-te um pequeno episódio. Um dia, saímos, eu e meu filho, juntos, a passeio. Em meio do caminho, encontramos na estrada um trecho quase intransitável, por causa de um lençol de lama que as últimas chuvas tinham feito ali aparecer. Meu filho tinha o braço gravemente ferido e não podia por isso carregar-me. Que fez ele então? Não

querendo que eu maculasse as sandálias na lama da estrada, deitou-se no chão e eu atravesssei o trecho lamacento pisando sobre o seu corpo! Que outra mãe, neste mundo, teria recebido de um filho querido maior prova de carinho e respeito?” O sábio respondeu com brandura, num demorado olhar: — “Minha filha, o teu coração está cheio de orgulho, mas esse orgulho não tem razão de ser! Escuta, oh! mulher! Se teu filho tivesse feito por ti mil vezes mais do que fez, não teria feito nem a metade do que prescreve o Livro Sagrado, em relação ao amor filial.”

Mas, já o Cristo que foi e é a Sabedoria, tinha invertido essa verdade do Talmude e dos Livros Antigos. O Filho não era mais o Devedor mas o Credor. E eis que a mãe, qualquer mãe, se fizer sobre o que faz dez vezes mais, cem vezes mais, mil vezes mais, ainda não fez tudo, se não fez tudo que pode. E por tudo isso que fez e é apenas a sua obrigação cotidiana, o seu dever comezinho, o filho nada lhe deve.

A dívida do filho permanece, pois neste mundo nada é feito de graça, nem dado de graça, nem recebido de graça, mas tudo tem seu preço certo e justo. O filho pagará mais tarde a um filho. E a interminável cadeia não se interromperá.

Meu avô dizia um provérbio antigo, assim: “Filho és, pai serás; como fizeres, assim acharás.”

O prêmio maior será a confiança e o amor do filho. E isto a boa mãe terá, certamente.

Em uma loja de Oxford, Inglaterra, estão afixados os Dez Mandamentos dos pais, entre os quais consta este, notável por sua sabedoria:

“Considerarás seu respeito e amor (do filho), não como algo a ser exigido, mas como algo que vale a pena conquistar.”

Antes de contribuir para plasmar-lhe a alma e formar-lhe o caráter, tarefa mais imperiosa do que cuidar do seu almoço e de sua roupa, a mãe contribuiu já com a argila humana de que é feito o filho, com a misteriosa essência de que é feito o espírito, cujo conhecimento ainda nos está vedado por muito, apesar da ingente tarefa dos sábios, dos artistas e dos poetas.

O único monumento imperecível dedicado à mãe, é aquele construído no coração do filho. Se ele se lembrar e falar na que lhe deu o ser, não somente com ternura, mas também sem ressentimento, sem amargura, sem desprezo, sem queixa, então essa mãe foi o que devia ter sido.

E isto não é tão comum como se pensa.

Pois que não há nada mais exigente que um filho. Seu amor é como um espelho que um hálito pode embaciar. A amante de um homem pode ser devassa, ingrata, infiel, indiferente. À mãe ele quer pura. Com defeitos, que não há quem não os tenha, mas reta, direita, sem mancha. Feia, sim, velha, sim, ignorante, sim, bruta, mal-educada, sim-

plória, mas cheia de amor, embora esse amor não saiba se revelar. Ele adivinha. Mas cheia de paciência e tolerância. Mas bem intencionada. Mas ensinando tudo o que sabe, dando tudo o que tem, fazendo tudo o que pode.

E que mais se pode desejar à mãe, senão que ela seja digna do amor dos filhos?

Adão e Eva são expulsos do Paraíso.
Gustave Doré, 1866



EVA — A PRIMEIRA MÃE

NO PRINCÍPIO, CRIOU DEUS O CÉU E A TERRA e era tudo uma solidão só. A terra era vasta, informe, vazia, e o escuro de uma noite sem fim pesava negro sobre a face do abismo. E disse Deus: “Faça-se a luz” e a luz jorrou em catadupas gloriosas. Mas como ainda restassem trevas, o Criador separou luz e trevas, e a luz foi chamada dia, e as trevas noite. E separou Deus a terra das águas, ordenando: “Produza a terra erva verde, erva que dê semente, árvore frutífera que dê fruto segundo a sua espécie.” Isto aconteceu no terceiro dia. E no quarto dia pendurou os luzeiros no céu, para governarem a noite e para iluminarem o dia. E disse Deus: “Produzam as águas abundantemente reptis de alma vivente e voem as aves no céu.” Criou as grandes baleias, os reptis, e todas as aves de asas e os abençoou

dizendo: “Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares, e as aves se multipliquem na terra.” Este foi o quinto dia e veio o sexto, em que Deus ordenou: “Produza a terra alma vivente, gado e reptis, e bestas-feras.” E disse Deus, no sétimo dia: “Façamos o homem à nossa imagem, conforme a nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, e sobre toda a terra, e sobre tudo que se move sobre a terra.” Formou o Senhor Deus o homem do pó da terra e soprou em seus narizes o fôlego da vida, e o homem foi feito alma vivente. E no jardim do Éden, nas bandas do oriente, um belo jardim de delícias, onde havia em abundância todas as coisas, pôs o homem. Fez brotar da terra árvores agradáveis à vista, e que davam bons frutos. E entre elas plantou a árvore da vida e a árvore do bem e do mal.

Entre quatro rios estava o Éden: o Pison, o Gion, o Hidkel, e o Eufrates.

E tendo no sétimo dia posto um remate a todas as coisas, descansou, mas não por muito tempo.

Eis que estava o Senhor no seu trono magnífico, a contemplar as coisas recém-criadas, e cofiando a divina barba, quando surgiu aquele que foi chamado Adão, porque feito do húmus da terra.

— Senhor — disse o primeiro homem, não muito desembaraçadamente, porquanto ainda não exercitara a lín-

gua, e o assunto era, realmente, embaraçoso. — Senhor! Reparei que somente eu, a quem destes como rei e guarda de todas as coisas e de todos os seres, estou sozinho...

— Sozinho? — repetiu o Criador.

— Quero dizer, os seres moventes têm companheiras, e andam aos pares e eu sou um só. Não poderíeis criar a minha companheira?

— Não sabes o que me pedes, filho, — ponderou o Senhor, olhando compassivamente o peludo ser, de intonsa cabeleira.

— Mas, Senhor...

— Não sabes o que me pedes, mas se é tão grande o teu desejo, seja.

Os poetas dizem ter sido a primeira mulher feita com o colorido das flores, o ondular das palmas, o meneio das vagas, a doçura dos frutos bem maduros ao sol, e com a luz dos belos dias. Disseram que de tudo quanto era belo foi apanhada uma qualidade, e, para temperar, o Criador lhe pôs uma dose do veneno da serpente, a instabilidade do vento, o langor dos felinos, a perfídia de certas flores letais e de certos lagos parados, docemente azuis, enganadoramente azuis sobre os miasmas do fundo. Também já se afirmou que foi o que de mais bem-feito apareceu na face da terra, talvez porque Deus já estava com alguma experiência e podia superar-se. Porém, as informações dos poetas não são de muita confiança.

Os livros graves de antanho e o Livro dos Livros, esses afirmam que a primeira mãe foi feita de uma costela do nosso pai Adão. Vendo-o diante de si, tão desamparado, o Criador fê-lo cair num pesado sono. Adormecido Adão, tomou uma de suas costelas e, (apressa-se a completar o Livro Santo), serrou a carne em seu lugar. E da costela que o Senhor Deus tomou do homem, formou uma mulher e trouxe-a a Adão.

Não sabemos o que Adão pensou ou sentiu, o que pensou e sentiu essa mulher que o defrontava, como coisa sua. Tudo que houve se perdeu na noite dos tempos. Diz o Livro dos Livros que Adão falou:

— Essa é agora osso dos meus ossos e carne da minha carne.

Centenas de milhares de anos depois, Santo Agostinho, que as mulheres fizeram pecar em demasia, mas que se salvou por intercessão de uma mulher, escreveria que, se Deus quisesse que a mulher fosse inferior ao homem, tê-la-ia tirado dos pés; se a quisesse superior, tirá-la-ia da cabeça. Mas tirou-a de junto do coração, para que lhe fosse igual e companheira. Não para ser admirada ou desprezada, mas para ser amada, para sempre.

Naquelas manhãs de espanto, que foram as primeiras manhãs do mundo, em que o medo campeava livre, e as almas tinham sombrios terrores, nessas manhãs encontra-

vam-se Adão e Eva. Poderiam correr rios de leite e de mel, poderiam os frutos sazouarem tentadores nas primeiras árvores, o que condicionava a vida nesses primeiros tempos, como condiciona até agora, era o medo, o instinto de conservação, a luta entre as espécies, o forte atacando, o fraco se escondendo, a medonha, temerosa luta desigual, que resultava em dor e em morte.

Mas diz o Livro que “antes” não era assim. Antes era a idílica existência, entre flores e frutos, somente o azul em cima, a macia relva embaixo. Preocupação, nenhuma. Um Criador benevolente provia-os de tudo. Da antiga narração é-nos permitido supor que Eva, a primeira mãe, ficava muitas vezes sozinha. Ensaaiaria já talvez compor penteados, usando como espelho a superfície tranquila dos lagos, e algum fruto vermelho deveria servir-lhe para avivar o colorido dos lábios recém-criados. De todas as belezas, de todas as riquezas, de tudo que havia de novo e inédito, uma só estava vedada. Pois tinha ordenado o Senhor Deus ao homem, quando o colocou no jardim do Éden:

— De toda a árvore do jardim comerás livremente. Mas da árvore da ciência do bem e do mal, dela não comerás; porque no dia em que dela comeres, certamente terás te tornado mortal.

E ali estava Eva, nua, inerme, pequenina, sozinha, com o mundo a seus pés, e a tentação diante dela. Aquele, por

quem se diria que ela ia deixar pai e mãe e apegar-se-lhe para serem ambos uma só carne, sairia para a caça e a pesca, todos os dias. Nada falante, o tal Adão. Casmurro, peludo, pouco amigo de brinquedos. Ele também estava nu, e ela não reparava. Nus estavam todos os animais da criação.

Também diz o Livro, e temos que acreditá-lo, que foi a serpente quem tentou nossa mãe Eva, embora, pelo que dela se disse e continuam dizendo pelos milhares de séculos em fora, nos façam pensar que em verdade foi Eva quem tentou a serpente.

Ah! Senhor, muito obscuros são os Teus caminhos!
Para que necessitavas Tu da nossa queda?

Talvez se a mulher não ficasse tanto tempo sozinha, com vagares para conversar com todos os bichos da vizinhança, a história tivesse outro enredo. E também as repetidas ausências e as repetidas voltas, fariam do peludo Adão um companheiro dócil às palavras e aos desejos da companheira de curvas suaves e de tanta doçura. Ora, aconteceu que, na ausência de Adão, a mulher travou conhecimento e logo muita amizade com a serpente que era a mais astuta de todas as alimárias do campo que o Senhor Deus tinha feito.

Ora, dize-me com quem andas e te direi o que farás.
De muita conversa entre a mulher e a serpente resultou que esta disse à mulher:

— Então disse Deus que não comereis de todas as árvores do jardim?

— Assim é. Da árvore que está no meio do jardim Ele disse: não comereis do seu fruto, e nele não tocareis, para não morrerdes.

Gargalhada de serpente não deve ser coisa bonita nem de ouvir nem de ver, mas a serpente deve ter cascalhado a sua risada mais satânica.

— Ah! Ah! Não morreréis. Eu sei. Não morreréis sem ter gozado o que esse bom Deus vos quer negar.

E em seguida passou ao cochicho, esse infernal cicio de serpente, assobiando junto ao ouvido, enredando, contando, tecendo, insinuando.

— Se comerdes esse fruto, se abrirão os vossos olhos. Sereis como Deus, sabendo distinguir o bem e o mal. Iguais a Deus...

Nem seria preciso tanto. A vontade de desobedecer estaria já no coração da primeira mulher. E não se diga que não estaria também no coração do primeiro homem, para não parecer que ele foi um cordeirinho sem mácula, muito ingênuo, muito puro, muito bom, deixando-se levar pela mulher como se tivesse uma argola no nariz.

Resistir aos outros não é tão difícil, mas resistir aos outros, tendo que resistir a si mesmo, isso é prova que Deus não dá a quem Ele não quer que fraqueje.

Dizem as Escrituras que Eva comeu do fruto, e que ela o deu a Adão e ele também comeu.

E então abriram-se os olhos de ambos, e conheceram que estavam nus, inermes, desesperados e desamparados. Buscaram fazer para si uns vestuários de folhas de figueira e de parreira, mas temendo ao Senhor, esconderam-se. Ao cair do dia, ouviram a voz do Senhor Deus que passeava no jardim, e lá estavam eles, nus e inermes, com a consciência do erro a persegui-los, escondidos entre as árvores.

— Adão, onde estás? — perguntou Deus.

E como Adão confessasse o que fizera, a maldição foi terrível. Disse Deus à serpente:

— Porquanto promoveste *isto*, maldita serás mais que qualquer besta, e mais que todos os animais do campo. Sobre o teu ventre andarás e comerás pó em todos os dias da tua vida. E porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua semente e a sua semente. E ela te ferirá a cabeça e tu lhe ferirás o calcanhar.

E disse Deus à mulher:

— Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção. Com dor parirás os teus filhos, e o teu desejo será para o teu homem e ele te dominará.

Foi assim, dizem. Quanto ao homem, foi condenado a comer a erva do campo, a comer o que conseguisse com o suor do seu rosto, e a tornar à terra, pois da terra tinha sido tomado, porquanto era pó e em pó se converteria. Desta

sentença Eva também participou, mas isto já é outra história, mais complicada, mais recente e menos hipotética.

Eva deu à luz o seu primeiro filho, Caim, e principiou a longa história de dor e ignomínia da Humanidade. Uma mulher nos perdeu, outra mulher viria, para a nossa redenção.



“Pois Seu Chico Pereira e outros professores, dada a inteligência do menino, acharam que ele deveria estudar em São Paulo.”

MARIA TERESA — A MÃE POBRE

COMO NÃO PODIA DEIXAR DE ACONTECER, a mãe pobre foi mãe de um poeta: Paulo Setúbal, cigarra cantadeira, que se finou cedo e foi talvez o mais impetuoso, o mais entusiasta e um dos mais líricos poetas brasileiros. Autor de *Musa Cabocla*, tem versos tão puros e simples, quanto a água fresca dos mananciais que descem das serras. Foi autor ainda de romances como a *Marquesa de Santos*, *As Maluquices do Imperador*, *Os Irmãos Leme*, e outros e outros, e não foi morno, gente que o Cristo abominava, mas ardente, mas leal, mas insofrido, mas exuberante, mas exaltado, mas sincero, no erro como nas belas ações, e, principalmente na sua busca incessante da verdade, de que nos dá tão belo exemplo nas páginas límpidas de *Confiteor*.

Maria Teresa, a mãe pobre, ficou viúva quando o filho, o que seria poeta, estava com quatro anos. O marido nasceram em Porto Feliz, o antigo e famoso Araritaguaba, de onde haviam partido outrora, Tietê abaixo, a caminho de Cuiabá, as monções buscadoras de ouro. Era de família abastada, mas desistira de prosseguir nos estudos e viera abrir, em Tatuí, no tempo em que Tatuí era boca de sertão, uma casa de comércio em grosso, de coisas brutas, sortidas, e onde o povo se abastecia de tudo. A família vivia na abundância. Entretanto, ao morrer-lhe o chefe, depois de terminado o moroso inventário e liquidados os negócios, restou apenas quanto bastava para viver pobremente. O filho poeta diria mais tarde, numa consagração comovedora: “Mas minha mãe era mulher que não tinha medo da vida. Que corajosa e brava era! Passou do muito farto para o muito escasso, com belo destemor. E foi vivendo sabe Deus como. Vivendo e criando a penca de filhos, que eram nove!”

Seu Chico Pereira foi o humilde professor do poeta.

As páginas onde Paulo Setúbal o retrata são as mais magistrais e sinceras e lindas, de quantas escreveu esse homem de grande coração. Era um velhinho que repartia o seu dinheiro com os pobres e ia ler para eles todos os dias o mesmo velho livro: o Evangelho. Um dia, depois de aposentado, vendeu a sua casinha azul, deu o dinheiro ao asilo, a sua obra mais querida, e ficou na casa de caridade, em meio aos asilados, junto ao Libório, ao Zeca, ao Pega-Boi.

Pois Seu Chico Pereira e outros professores, dada a inteligência do menino, acharam que ele deveria estudar em São Paulo. Que a mãe o enviasse para lá. Mas mandar como? pergunta o poeta. “Minha mãe tinha apenas com que viver modestamente na nossa terra. Mandar como?” Um irmão, o mais velho, já andava por lá, na Capital, e a mãe fazia por ele e para ele, sacrifícios que não se contavam. Mandar como? “Mas a minha mãe, — ele acrescenta com um belo orgulho, — minha mãe era uma lutadora magnífica. Vendeu o pouco que lhe restava, ajuntou o dinheiro de contado que pode, e, pondo nas mãos de Deus o seu destino de viúva, lá veio, só com sua coragem, a batalhar em prol dos filhos nesta dura cidade de São Paulo, que é a mais dura, a mais fria, a mais materialista das cidades do Brasil.”

E porque era uma cidade fria, e uma cidade materialista, o menino, o adolescente, assomado, entusiasta, por influência de ferventes companheiros, que já o eram do irmão mais velho, estudante de Direito, perdeu a fé. Perdeu a fé e a pureza. Estudava num colégio católico, com irmãos maristas, rezava a sua ave-maria, ouvia a lição de instrução religiosa, mas o espírito se ausentara e era só matéria, era só sentidos, era só sensualidade, o antigo menino de Tatuí.

Ardente e generoso como Santo Agostinho, com quem seria comparado mais tarde, o moço poeta, ele pecou como o santo, pelo espírito e pela carne.

“Não havia céu mais doce que as mulheres...” ele afirmaria. Deu-se a grandes discussões filosóficas, aderiu ao determinismo, referia-se incessantemente a Kant, falava em imperativo categórico, aludia a Rousseau e Schopenhauer, e a Spencer. Entusiasmara-se com o evolucionismo, lia regaladamente os trechos mais amalucados de Zaratustra. “O pecado é belo, a violência é bela, tudo que afirma a vida é belo,” repetia com o filósofo ateu.

Filho de mãe católica, sincera, fervente, rezadeira, educado entre padres, um entusiasmo o levou a desejar cumprir velha promessa feita em menino, quando fugiam do pasto as duas vaquinhas da família, a Mimosa e a Manteiga. Encontrou oposição e galhofa entre os companheiros, naturalmente. A mãe, a pobre, havia exultado. “Eu não podia ter dado à boa velha notícia mais radiosa. Ter um filho padre, um filho sacerdote da sua religião, um eleito do seu Cristo, era dádiva imensa, graça divina, gosto supremo, que ela dizia não merecer.” Entretanto, o entusiasmo não passava de um fogacho, e a consequência de tudo foi que o moço se afastou com mais violência ainda da Igreja. Ainda não chegara para aquela mãe, para a mãe pobre, a hora da exaltação.

Pelo contrário. Vítima de uma ruidosa boêmia, de esbórnias pela noite velha, das muitas rodadas de chope, de patuscadas loucas com companheiros descabeçados, de doidices com mulheres, às soltas, sem fé e sem Deus”,

prostrou-o de cama um princípio de tuberculose pulmonar. Imagine-se o que foi o golpe para Maria Teresa, e o que foi para esse moço que começava a vencer, que amava a vida de um amor derramado, cuja lei era a satisfação dos sentidos e que ia pela vida, ufano, feliz, sem cuidados.

A mãe não o enganou. Sempre fora corajosa e reta. Não enganava ninguém, testemunha bem mais tarde o filho. Disse-lhe claramente, sem rodeios, o que tinha.

Que diferença entretanto entre a corajosa aceitação da mãe, e a revolta do filho. Achava ele que lhe custara tanto subir um pouquinho na vida e agora aquela reviravolta. Custara-lhe subir sozinho, filho de viúva, tornado professor, estudante de Direito, jornalista, tendo dinheiro para gastar, e exuberância, e uma vida estuante, e eis que vinha a moléstia. Insurgia-se contra o destino e contra Deus. Por que Deus, sendo pai, lhe havia arruinado a vida? Por que Deus, sendo justo, lhe havia assim desbaratado os esforços? E espumava fel, “e rebelava-se no peito contra a mão despiedosa que o lanhara com aquela crua vergastada.”

A mãe, desveladamente, o acompanhou a Tatuí, o Tatuí da sua infância, bucólico e sossegado. Afirmo o poeta que foram seis meses de ócios repousantes e inspiradores. De onde tirava ela a coragem? E como fazia para que o escasso dinheiro desse para tudo? Junto dela, refloria o filho. A sua alma cabocla, restituída à pureza, longe das tentações da cidade, aquela alma lírica ressurgiu. Ei-lo de novo poeta.

*Como um caboclo bem rude,
Eu vivo aqui nesta paz,
A recobrar a saúde
Que eu esbanjei quanto pude,
Nas tonteiras de rapaz...*

De fato, recobrou-a. Entretanto, o médico recomendou mais uns meses de clima da serra. Campos do Jordão, por exemplo. Ir para Campos do Jordão consolidará a cura do rapaz.

A mãe não hesitou. Precisava o filho de partir? Pois iria. Bem sabia a pobre que o dinheiro se esgotara em casa. Bem sabia que a vida numa estação climatérica iria custar-lhe os olhos da cara. Mas o filho haveria de ter o que precisava. Correu à sua velha cômoda, rebuscou entre os guardados, e de lá tirou a caixinha de veludo azul, um presente do marido morto e que guardara até ali ciumentamente, enamorada, enternecida. Não importava que fosse a última lembrança do passado de opulência, era, acima de tudo, a última lembrança do amor que lhe embalara os sonhos da mocidade. Era o que lhe restava e ela vendeu o anel. Com o dinheiro da venda, o filho partiu para Campos do Jordão. Muitos anos mais tarde, às portas da morte, serenado, confiante na bondade do Cristo, descansando no coração dessa intemerata e tranquila mulher que, desassistida, tinha-lhe

sido o sustentáculo e a salvação, Paulo Setúbal escreveria comovidamente: “Oh! minha brava e corajosa mãe... Hoje, corridos tantos anos, ao recordar-me desse pequeno mas tão enternecedor detalhe, sobem-me aos olhos irreprimíveis lágrimas grossas e comovidas. Lágrimas brotadas com queentura do coração confrangido que me bate em descompasso no peito. E evoco-te neste momento, mãe, evoco-te aqui, com orgulho e com admiração, a ti que foste, tão só e desassistida, o sustentáculo e a vida de nove filhos que se agarravam às tuas saias. Vejo-te ainda, neste mesmo momento, vejo-te lá, na Rua das Flores, na nossa modestíssima casa da Rua das Flores (número 23, recordas-te?) em que, portas adentro, a sós com o teu Deus, a sós com o Cristo que te aliviava e soerguia, tu, intrépida e valorosa, venceste aperturas que se não contam.”

A veneração do filho é imensa, o reconhecimento seu não tem limites. Ele exalta a mãe, com termos tão excelsos, como foi exaltada pelo anjo a outra Mãe. Fala das suas renúncias, dos sacrifícios, das necessidades, das pobrezaas. E fala, em tão doridos e comovidos termos, da alta dignidade, da discreta nobreza e da tocante formosura com que ela sofreu.

Essa mulher pobre, essa viúva, mãe de uma ninhada de nove filhos, tinha os parentes situados altamente na vida, na largueza e no luxo. Mas nunca, em meio às vicissitudes, acossada pelas necessidades mais mesquinhas, foi-lhes bater

à porta dourada. Às vezes, alguma das orgulhosas matronas, com nomes ancestrais arrolados no Taques e no Silva Leme, aparecia de carro, vestida de seda e gorgorões, enfeitada com cadeia de ouro, para visitar a prima Maria Teresa. E quando ela partia, a viúva que não solicitara nada, que mantivera a boca lindamente fechada sobre as suas queixas, voltava ao trabalho. Cozinhava, lavava a roupa, esfregava o assoalho. Costurava até altas horas, pela noite morta. Poupava as migalhas, regateava nas feiras, apagava as luzes cedo, economizava quanto podia. Lá se foi o filho para Campos do Jordão, e ali ficou ela, entregue ao trabalho, à saudade, à tristeza, ao receio, à esperança.

E o filho viveu. Viveu para vencer, para renegar os seus desvários, para escapar à morte mais duas vezes, até que a hora da conversão houvesse chegado. “Não que eu, pecador que amava o pecado o merecesse. Não. — Diz o moço poeta ardorosamente. — Deus teve certamente piedade de mim, o ingrato, porque havia na terra uma ignorada velhinha, rezadeira e corcovada, minha mãe, que passava horas a fio, diante do oratório do seu quarto, a suplicar, com a calorosa simplicidade de sua fé, pelo filho arremessado às cegas nos caminhos tortos da existência.”

Ele viveu quanto bastasse para que numa noite, a mais fulgurante da sua vida, vestido no solene fardão verde de acadêmico, diante de tudo quanto se estadeava de mais alto,

de mais rico, na inteligência do país, em plena Academia Brasileira de Letras, pudesse dizer:

*“Mas deixai também, meus senhores, nesta linda hora risonha, em que as emoções mais íntimas se atropelam dentro de mim, deixai que, mal acabe de vos agradecer, eu me ausente precipitado destas galas. Sim, deixai que o meu coração voe para longe daqui, fuja para a minha estremecida cidade de São Paulo, e lá, comovido e respeitoso, penetre por um momento, muito de manso, numa casa modesta de bairro sem luxo. Nessa casa, a estas horas, nesta mesma noite, está uma velha toda branca, oitenta anos, corcovada, com o seu rosário de contas já gastas, a rezar diante da Virgem pelo filho acadêmico. Pelo filho que ela, a viúva corajosa, ramo desajudado, mas altaneiro, de família opulenta, criou, educou, fez homem — Deus sabe com que sacrifícios, e com que ingentes heroísmos obscuros! Deixai pois, senhores acadêmicos, que o meu coração voe para a casa modesta de bairro sem luxo, entre no quarto do oratório, ajoelhe-se diante da velha branquinha, beije-lhe as mãos, e na brilhante noite engalanada deste triunfo, diga-lhe por entre lágrimas:
— Minha mãe, Deus lhe pague!”*